

Crescimento do conservadorismo na cena roqueira no contexto das Guerras Culturais

MICAEL HERSCHMANN

Doutor em Comunicação pela UFRJ, Professor Titular do PPGCOM da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador CNPq e FAPERJ. Coordenador do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8859-0671>. E-mail: micael.herschmann@eco.ufrj.br

GABRIEL STAVELE TAVARES

Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ e pesquisador associado ao Núcleo de Estudo e Projetos em Comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ. E-mail: gabrielstavele@gmail.com.

RESUMO

Trilha sonora de levantes e manifestação dos anseios da juventude, o rock se notabilizou nas duas primeiras décadas de existência como um ritmo musical associado no imaginário as ideias de vanguarda, iconoclastia e quebra de paradigmas. Entretanto, eventos recentes tais como os ataques a artistas identificados como progressistas e o alinhamento mais claro à direita – de nomes como Lobão, Roger Moreira, Digão e Roosevelt Bala – sugerem não só um reposicionamento dessa cena musical, mas também remetem a um embate ideológico no segmento que reflete a polarização política da sociedade brasileira em um contexto de recrudescimento das Guerras Culturais. Neste sentido, o artigo busca construir uma cartografia das controvérsias que dê conta das disputas de sentido entre as narrativas (especialmente aquelas de perfil político) veiculadas nas cenas locais de rock e heavy metal, levando em consideração a atuação de coletivos ativistas, imprensa especializada, artistas e fãs direta e indiretamente envolvidos.

Palavras-chave: Comunicação; Política; Rock; Guerras Culturais.

ABSTRACT

A soundtrack to uprisings and a manifestation of youthful aspirations, rock gained notoriety in its first two decades as a musical genre associated with avant-garde ideas, iconoclasm, and paradigm shifts. However, recent events such as attacks on artists identified as progressive and the clearer alignment to the right—of artists like Lobão, Roger Moreira, Digão, and Roosevelt Bala—suggest not only a repositioning of this music scene but also point to an ideological clash within the segment that reflects the political polarization of Brazilian society in the context of the Culture Wars. In this sense, this article seeks to construct a cartography of controversies that captures the disputes over meaning within narratives (especially those with a political profile) conveyed in the local rock and heavy metal scenes, taking into account the actions of activist collectives, specialized press, artists, and fans directly and indirectly involved.

Keywords: *Communication; Politics; Rock; Culture Wars.*

INTRODUÇÃO

Notabilizado nas comunidades negras dos Estados Unidos durante a década de 1950, o rock historicamente esteve relacionado no imaginário do público a ideais de resistência, rebeldia e quebra dos parâmetros estabelecidos. Tal percepção ganhou ainda mais força em seu período de maior popularidade, a partir do fim dos anos 1960, quando o gênero passou a vocalizar os anseios de uma juventude politicamente engajada e envolvida com a contracultura, e manteve-se inabalável ao longo das três décadas seguintes. Como pontuam autores como Frith (1996), Grossberg (1997), Janotti Junior et. al. (2019), estabelecia-se a partir deste ponto o chamado *ethos* roqueiro, “uma construção histórica em torno de uma autenticidade transgressiva no gênero musical e potencial fonte de resistência a poderes institucionalizados” (Pilz e Alberto 2021, p. 3). Assim, um modo de ser roqueiro impeliaria o indivíduo a contrapor-se aos valores das gerações anteriores, bem como a regimes políticos opressores, guerras e injustiças sociais.

No entanto, se ao longo das três primeiras décadas de existência do gênero essa pareceu ser a regra, com esporádicos casos de artistas ou fãs alinhados a posicionamentos conservadores, o mesmo não se pode dizer do período posterior ao advento das redes sociotécnicas contemporâneas, responsáveis por significativas mudanças nas chamadas cenas musicais (Straw 1991). Conforme argumenta Janotti Júnior, “com a virada do século, os processos de circulação da música que balizaram as proposições iniciais de Straw se transformaram” (Janotti Junior, 2012, p. 117). Deste modo, “a noção de cena foi ampliada, valorizando ainda mais questões como a globalização das culturas musicais e as novas tecnologias de comunicação (idem).

Amplificadas pelas novas tecnologias, vozes conservadoras têm conquistado cada vez mais protagonismo nas cenas de rock e heavy metal em todo o mundo, produzindo ecos até mesmo entre cânones do estilo, vide as recentes polêmicas envolvendo nomes como Jon Schaffer, Phil Anselmo e Eric Clapton.

Estas questões também encontram eco na América Latina, como no caso do cantor Roger Waters. Além de dividir o público e provocar as mais diversas manifestações por parte da política institucional (notas de repúdio, retiradas de homenagens, ataques verbais, etc.), o posicionamento ideológico trouxe ao britânico até mesmo dificuldades logísticas, uma vez que hotéis da Argentina e Uruguai se recusaram a hospedá-lo durante a perna sul-americana da sua mais recente turnê, *This is not a Drill*. Já em 2012, a passagem do músico pelo Chile mereceu o seguinte relato do escritor Patricio Fernández:

(...) parecia que muitos não sabiam qual era o posicionamento político do Pink Floyd. Eram todas pessoas de direita, de aparência muito conservadora. [...] Aparentemente, a direita chilena não passou pelo rock. Não estou dizendo que não tenham ouvido algumas músicas ou que não existam amantes de música

experientes em suas fileiras, mas estou me referindo àquela outra história que o acompanha de forma inseparável, que convida à liberdade total, em qualquer campo, que desobedece e se rebela contra a autoridade. Um silêncio mortal reinou quando Waters dedicou o espetáculo a Víctor Jara, ao padre Woodward, e a todos os desaparecidos e pessoas que sofreram a facada da ditadura naquele mesmo estádio, enquanto este funcionava como centro de detenção^[1].

Além disso, vale ressaltar que o maior expoente da relação entre rock e extrema-direita no último período reside na Argentina. Em 2023, Javier Milei foi eleito presidente apoiando-se na imagem do roqueiro anárquico e avesso ao politicamente correto para alicerçar seu discurso antissistema, prática também adotada por militantes brasileiros de extrema-direita, como veremos a seguir. Como trilha sonora da campanha, o político do *La Libertad Avanza* adotou a canção *Panic Show*, do grupo de rock La Renga, e a despeito da contrariedade dos músicos, recitou um trecho de sua letra no discurso de posse.

Tendo em vista a “cartografia das controvérsias” construída na nossa pesquisa envolvendo a cena roqueira (Latour 2012), partimos do pressuposto de que o rock, o heavy metal, seu *ethos*, seus símbolos e tradições, convertem-se na contemporaneidade em objetos de controvérsias entre os fãs, uma vez que um mesmo legado é reivindicado por diferentes espectros ideológicos. Neste sentido, buscamos neste artigo cartografar estas controvérsias nas cenas brasileiras de rock e heavy metal a partir dos rastros deixados por páginas do Facebook e Instagram responsáveis por hospedar coletivos ideologicamente alinhados à direita, como “Mundo Metal”, “Opressores do Rock”, “Roqueiros e Headbangers de direita”, “Headbangers do Brasil – Que odeiam o Socialismo” e “Pinochet Zuero”. Considerando o ambiente digital como o espaço preferencial para a ocorrência de conflitos ensejados pelas guerras culturais, buscamos investigar o nexo entre esses coletivos – bastante atuantes nas redes sociais e nesta cena cultural – e o recrudescimento do conservadorismo entre os atores envolvidos^[2].

■ CONTROVÉRSIAS NAS CENAS BRASILEIRAS

No dia 12 de maio de 2019, era lançado o álbum *Rebel Hearts*, primeiro trabalho solo da cantora de heavy metal Föxx Salema. Atuante na cena brasileira desde a década de 1990, Salema notabiliza-se não apenas por sua obra musical, mas também pela militância em defesa das pautas LGBTQI+ e da inclusão de minorias no universo do rock pesado. Por conta desta atuação, a cantora foi alvo de severos boicotes nos meses seguintes por parte de jornalistas, radialistas, locutores e formadores de opinião que buscavam sua invisibilização em nome da manutenção

de um ambiente harmonioso e de um suposto espírito de união presentes nas cenas brasileiras de rock e heavy metal até a infiltração de atores interessados em colocar em pauta questões políticas e sociais. Salema sofreu ameaças, ataques em massa em suas redes sociais, foi vítima de calúnias e insultos transfóbicos, passou a enfrentar dificuldades para encontrar locais onde se apresentar e até mesmo na contratação de músicos para a sua banda.

O caso de Salema insere-se em um contexto de controvérsias políticas e ideológicas que assolou o Brasil na última década e teve como um de seus pontos altos o pleito eleitoral do ano de 2018, no qual o candidato da extrema-direita, Jair Messias Bolsonaro, elegeu-se para o cargo de presidente da república. Como veremos adiante, as cenas de rock e heavy metal não passaram incólumes pela polarização entre progressistas e conservadores, e seus símbolos, signos e tradições converteram-se em objeto de disputa entre espectros políticos antagônicos.

Ainda durante a campanha, obtiveram grande destaque na imprensa as hostilidades ao cantor britânico Roger Waters, ex-líder da banda Pink Floyd, durante as apresentações da extensa turnê *US +Them*, que passou por capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Curitiba e Porto Alegre. Do ponto de vista de Pilz et al. (2020), esses shows carregavam “consigo, além da música, uma série de quiproquós envolvendo conjunto de narrativas que atravessam o espetáculo do músico inglês” (Pilz et al., 2020, p. 186).

No caso específico da passagem de Roger Waters pelo Brasil, vemos a correlação tensiva entre a reivindicação de enfrentamento de políticos considerados conservadores, intensificada por Waters – acionando o tradicional imaginário do rock como espaço contra hegemônico –, e o cenário eleitoral brasileiro, em que parte do público manifestou-se adepto de uma candidatura à presidência que, em termos de valores sociais e morais, se posicionava contra os elementos do imaginário libertário associado ao rock progressivo e reivindicado pelo músico. (Pilz et al.; 2020; p. 204)

No ano seguinte, um novo imbróglio, desta vez envolvendo adeptos do punk rock, voltaria a colocar a política na pauta dos cadernos de cultura da imprensa brasileira. Prevista para ocorrer entre os dias 23 e 28 de maio, a turnê em comemoração aos 40 anos de carreira da banda estadunidense Dead Kennedys, historicamente identificada com ideias progressistas, não chegou sequer a se concretizar. As controvérsias ficaram por conta de um cartaz de divulgação dos shows, de autoria do ilustrador Cristiano Suarez, supostamente produzido sem a anuência da banda, que ironizava o recém-eleito presidente Jair Bolsonaro e seus eleitores, caracterizados como palhaços, vestidos com uniformes da seleção brasileira e empunhando armas para abrir fogo contra uma favela. A partir da repercussão obtida em alguns dos principais veículos de mídia do país (tais como *GL*^[3], *Terra*^[4] e *Folha de São Paulo*^[5]), a peça publicitária suscitou o descontentamento de bolsonaristas, que passaram a ameaçar os músicos e sua equipe. Acuada pelos ataques, a banda cancelou os shows.

Também na seara do punk rock, o veterano João Gordo, vocalista da banda Ratos de Porão, foi igualmente vítima de ataques. Notório militante da causa vegana e responsável por uma ONG que distribui alimentos a pessoas em situação de rua no centro de São Paulo, o artista convive há décadas com a pecha de traidor do movimento punk e a acusação de ter se rendido aos grandes veículos de comunicação. Nada que se compare, contudo, ao volume de agressões sofrido após as contundentes manifestações de repúdio a Bolsonaro e seus simpatizantes, que tiveram seu ponto alto no ano de 2022, com o lançamento do álbum conceitual “Necropolítica”. Atuando de forma coordenada, *haters* derrubaram sua conta no Instagram, que já acumulava mais de 200 mil seguidores^[6].

Dentre os cânones do rock brasileiro que enveredaram pelo conservadorismo no último período, o cantor Lobão destacou-se pelo grau de engajamento às pautas de extrema-direita defendidas por Bolsonaro e seu mentor intelectual, Olavo de Carvalho. O mais iconoclasta representante da chamada BRock, geração que levou o rock ao topo da parada de sucessos na década de 1980, foi na juventude um notório apoiador de partidos de esquerda e simpatizante de movimentos sociais como o MST, mas foi mais um artista que, a partir dos anos 2010, entendeu que a rebeldia e a contestação roqueiras estavam no campo do conservadorismo. “O conservadorismo é a nova contracultura (...) a esquerda é o passado, uma resistência reacionária insistindo em não enxergar a nova era^[7].”

Cabo eleitoral do então candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro, Lobão era presença constante em manifestações que em meados da década de 2010, entre outras pautas do campo da direita, reivindicavam o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, a prisão do também ex-presidente Lula e o retorno à ditadura militar, regime do qual mostrou-se saudosista ao declarar que: “hoje, dão indenização para quem sequestrou embaixadores e crucificam os torturadores que arrancaram umas unhazinhas^[8]”. Tal posicionamento é reforçado por seus ataques à Comissão da Verdade, grupo de trabalho instituído em 2012 para investigar as violações de direitos humanos cometidas por militares. “Após duas décadas de transgressão, lutando musicalmente contra o status quo, o levante conservador da lírica de Lobão denota uma queda vertiginosa de sua ideologia: de maldito, tornou-se reacionário” (Senra e Ottati 2015, p. 115).

O mesmo pode ser inferido a partir dos posicionamentos de Roger Moreira, líder da banda Ultraje a Rigor, uma das mais populares do rock brasileiro dos anos 1980, e contemporâneo de Lobão. Reputado pela opinião pública como um artista irreverente e contestador, Moreira é autor da música “Inútil”, que se tornou símbolo da campanha “Diretas Já”, um dos momentos mais marcantes da abertura política brasileira após 21 anos de governos militares.

Alegando uma nova tomada de consciência acerca dos perigos da esquerda, o artista enveredou nas últimas duas décadas por um exacerbado conservadorismo político manifestado

tanto em suas participações como músico de apoio no programa “The Noite”, apresentado pelo humorista Danilo Gentili, quanto em suas redes sociais. Nas palavras de Roger, a guinada ideológica teria acontecido ainda por volta de 2000: “infelizmente o que muita gente de esquerda não percebe é que eles acham que estão se rebelando, mas a rebeldia hoje é ser de direita. [...] é um pensamento mais pragmático (...) prezo muito por esta liberdade^[9]”.

A temática da liberdade, mencionada por Roger Moreira, é um dos pilares do slogan adotado pela extrema-direita brasileira (Deus, Pátria, Família e Liberdade) nas últimas campanhas presidenciais e ponto em comum entre o discurso de ícones midiáticos deste campo político e manifestações de atores das cenas de rock e heavy metal alinhados à direita, surgindo em letras de músicas como “Liberdade”, da banda curitibana Os Reaças (Pra acabar com a tirania, vou mostrar porque é que eu vim, pela nossa liberdade, lutarei até o fim) e “Ditador do Metal”, do pioneiro do heavy metal brasileiro, Roosevelt Bala (Nossos princípios de liberdade, correm o risco de ficar na saudade) ou em declarações públicas como a do Digão, líder da banda Raimundos, ao afirmar que “o rock não é de esquerda, o rock é livre^[10]”.

O ROCK BRASILEIRO E AS GUERRAS CULTURAIS

Cunhado por Hunter (1991), o conceito de “guerras culturais” diz respeito à prevalência de temas ligados à posicionamentos morais sobre questões objetivas, como investimento público, moradia, trabalho, educação e economia, no debate político. Uma reação organizada do conservadorismo instigada pela ampliação de direitos de minorias, afirmação de novas identidades e uma maior diversidade entre os ocupantes de posições de protagonismo social, que busca ratificar valores de um passado idealizado. Inicialmente circunscrito à realidade estadunidense, o fenômeno se alastrou pelo mundo nos últimos anos, e, de acordo com De Melo e Vaz (2021), teve como marco inicial no Brasil a campanha presidencial de Jair Bolsonaro, em 2018. Nas palavras dos autores, “continuamente somos surpreendidos pela inclusão de novos objetos que, à primeira vista e até bem pouco tempo, não pareciam ser capazes de gerar guerras culturais” (De Melo e Vaz 2021, p. 10)

Neste sentido, argumentamos que parte das características relacionadas ao chamado *ethos* roqueiro passaram desde então a ser reivindicadas pelo conservadorismo a partir de uma chave de compreensão que posiciona a esquerda liberal como grande representante do status quo. Em um contexto de guerras culturais, esta visão valeria não apenas para o rock e o heavy metal, podendo ser estendida para as artes de modo geral.

Diante de um “levante da direita” (Senra e Ottati, 2015) que varreu a sociedade brasileira a partir da década de 2010, o vocalista da banda Detonautas, Tico Santa Cruz^[11], demonstrava preocupação em relação aos posicionamentos políticos manifestados pelo público roqueiro. Destacando que no Brasil o ritmo é fortemente relacionado à classe média, segmento mais sensível à retórica do combate à corrupção e negação da política, o músico via o rock ser absorvido pela ideologia dominante: “Quando começou a criminalização da esquerda e a tentativa de golpe em cima da Dilma, uma parte muito grande do rock entendeu que “se é contra governo, eu também sou contra”” (Santa Cruz, 2021).

A incorporação do rock à paisagem sonora das manifestações de direita pode ser atestada pela pesquisa de Evangelista e Pereira de Sá (2021) sobre as convocações para o ato em apoio à Bolsonaro do dia 15 de março de 2020. As autoras identificaram uma prevalência de canções de rock, seguidas pela música erudita, nas trilhas sonoras de peças de propaganda veiculadas no Youtube que tinham como público-alvo militantes politicamente alinhados à ideais conservadores. Dentre as 30 produções selecionadas, 29 eram embaladas por rock ou música clássica. Deste modo, sucessos que no passado embalaram protestos contra a ditadura militar, como “Inútil”, do Ultraje a Rigor, “Que País é este”, da Legião Urbana, ou “Até quando esperar”, da Plebe Rude, e ajudaram a forjar um imaginário que relacionava o Brock a ideias progressistas, convertem-se na contemporaneidade em palavras de ordem da extrema-direita (Evangelista e Pereira de Sá 2021, p. 185-186).

MUNDO METAL X LACRADORES

A defesa de um ideal de liberdade e a insurgência contra o politicamente correto e atos encarados como subserviência ao sistema dão o tom da atuação da blogosfera *headbanger* brasileira com viés de direita. Deste modo, coletivos compostos por fãs de rock e heavy metal formam uma rede que busca antagonizar os “lacradores”, elementos que colocariam em xeque a autodeterminação apregoada por estes estilos musicais.

Maior, melhor estruturada e mais capilarizada entre as páginas analisadas, a Mundo Metal está presente no Facebook desde de 2014, e foi idealizada pelo fã de heavy metal Fabio Reis com o intuito de reunir amigos e trocar indicações de bandas e álbuns. A comunidade cresceu, e para evitar censuras da rede social, foi também transformada em um site. Atualmente, conta com 36 mil seguidores na página principal do Facebook, 23 mil em um grupo privado na mesma

plataforma, 1.126 no Instagram e 1.670 no Youtube, além de manter grupos no WhatsApp e Telegram. Sua atuação é calcada principalmente no noticiário acerca dos universos do rock e do metal, além de resenhas de álbuns e shows. Em nome da harmonia entre os membros, o debate político é desestimulado pelos moderadores, podendo em muitos casos render banimentos, mas o tema frequentemente surge em editoriais da própria página, e, quase sempre, em tom de crítica àqueles que, em seu ponto de vista, contaminam as cenas ao relacionar política com rock ou heavy metal.

Um dos alvos mais frequentes de críticas da Mundo Metal é João Gordo, vocalista da banda Ratos de Porão. O músico é acusado de tratar com hostilidade a parcela do público que discorda de suas posições políticas, algo imperdoável sob a ótica da página. O ataque mais frontal ao artista, no entanto, decorreu do seu comportamento na ocasião do lançamento de "*Satan Smashes Fascism*", coletânea que reunia 16 bandas identificadas como antifascistas. Novamente, Gordo esteve envolvido em polêmicas com apoiadores de Bolsonaro, o que levou a página a banir o músico de suas coberturas.

João Gordo (vocalista do Ratos de Porão), fez uma publicação em sua conta do Instagram onde divulgava uma coletânea "Antifascista" composta por bandas de Metal do underground nacional. A postagem contém uma imagem do candidato Jair Bolsonaro sendo atacado por Satã e na descrição, Gordo disse o seguinte: "Coletânea com 16 bandas de metal antifascista [...] nem tudo está perdido no heavy metal brazuca". Não vou aqui entrar no mérito sobre esse tipo de discurso pobre, até por que fica muito claro que nem o Gordo e muito menos os fanáticos imbecilizados pelo viés ideológico que o apoiaram, não tem a mínima noção do significado da palavra fascista. [...] O que me deixa muito chateado nesse episódio são dois fatores: a) a polarização política dividindo o Metal (de novo!); b) a falta de respeito com os fãs (injustificável e intolerável). [...] Nós do Mundo Metal, achamos que o maior patrimônio de um músico são seus fãs, todo e qualquer artista que não souber respeitar os fãs é um estúpido idiota que joga contra o seu próprio patrimônio. Que o Gordo não tem muito QI ou poder de discernimento, nós já imaginávamos, porém, em uma só postagem ele conseguiu disseminar ainda mais esse discurso político segregador e, ainda por cima, insultar de todas as formas possíveis e imagináveis pessoas que o seguiam e consumiam sua arte. [...] Quem trata os fãs feito lixo, não merece esses fãs^[12].

No caso da banda de Thrash Metal *Violator*, a controvérsia teve como ponto de partida um meme que retratava o cantor *King Diamond* segurando as cabeças de Michel Temer e Eduardo Cunha sob a inscrição: "Um ano da farsa hoje. Foi golpe, bichos.". Ressaltando seu apreço pela liberdade de expressão, a página questionava se a banda não deveria lançar novas músicas em vez de militar politicamente. "Violator, gostamos de política e também gostamos de polêmicas, mas gostamos muito mais de Metal. Por favor, menos memes e disco novo urgente, ok?"^[13]. Convidando a sua audiência a debater as atitudes da banda, a Mundo Metal insistia na necessidade de se manter a isenção em nome da pacificação da cena: "A nossa cena já é bastante segregada

e não precisa de mais uma guerra ideológica do tipo “esquerda x direita” pra separar ainda mais os fãs^[14].”

Acompanhando os debates em voga no período, a Mundo Metal também não poupou críticas a Roger Waters e Dead Kennedys durante seus respectivos imbróglios contra fãs conservadores. Chamado de “caduco”, o ex-líder do Pink Floyd tornou-se alvo da campanha “#CalaTuaBocaRogerWaters”, que centrava seus ataques no fato do músico declarar-se apoiador da esquerda e cobrar altos valores pelos ingressos dos seus shows, não repartir a sua fortuna e supostamente ser admirador do presidente venezuelano Nicolas Maduro. No caso do Dead Kennedys, prevaleceu o deboche em torno da máxima que diz que “quem lacra não lucra”, o que tornou a banda alvo de memes e comentários jocosos sobre uma suposta doação do valor auferido com a turnê cancelada para instituições de caridade.

Por outro lado, em diversas oportunidades a página não apenas mostrou-se mais tolerante, como chegou também a endossar manifestações políticas de atores encarados como antissistema. Em 2021, o líder da banda estadunidense *Iced Earth*, Jon Schaffer, foi preso por participar da invasão ao Capitólio em manifestação contrária ao resultado das eleições presidenciais. Para incomodo dos responsáveis pela página, a gravadora *Century Media* atendeu à cobrança dos fãs por um posicionamento, excluiu a banda de seu elenco e deixou de comercializar seus produtos. Argumentando que o músico merecia punição enquanto pessoa física, mas que seus companheiros não poderiam ser prejudicados, a página passou a promover a banda, criando inclusive a semana temática *Iced Earth*. Na ocasião, o editor Fabio Reis argumentou que: “ele é o líder da banda e cometeu um erro prévio terrível que vai muito além da invasão ao capitólio. Estou me referindo ao fato dele ser um apoiador de um político que a turminha “do bem” não tolera.”^[15]

No ano seguinte, o guitarrista da banda alemã de Power Metal, *Helloween*, Kai Hansen, foi criticado pelos fãs por conta de um comentário contrário à vacinação compulsória contra a Covid-19 na página da política Alice Weidel, filiada ao partido de extrema-direita AfD, nas redes sociais. As controvérsias foram motivadas tanto pelo conteúdo de sua fala, quanto pela utilização do termo “vitória final”, associado ao nazismo, além de uma possível vinculação ao partido extremista, posteriormente negada pelo músico. Por meio de um texto escrito por Yurian “Dollynho” Paiva, a página defendeu a liberdade de expressão de Hansen, classificando-o como um libertário que não se orienta por ideologias políticas: “até quando vamos ter que assistir ídolos sendo linchados virtualmente por causa de alguma opinião política dada? Até quando vamos ter uma patrulha de pensamento?”^[16]

TRANSGRESSÃO CONSERVADORA – OS ATAQUES AO POLITICAMENTE CORRETO

Nagle (2017) sugere uma perspectiva original acerca das motivações de uma nova direita que se articula nas redes:

Aqueles que afirmam que a nova sensibilidade da direita online hoje é apenas mais da mesma velha direita, indigna de atenção ou diferenciação, estão errados [...] sua capacidade de assumir a estética da contracultura, transgressão e inconformismo nos diz muitas coisas sobre a natureza de seu apelo e sobre o establishment liberal contra o qual se define. Tem mais em comum com o slogan da esquerda de 1968 “É proibido proibir!” do que com qualquer coisa que a maioria reconheça como parte de qualquer direita tradicionalista. (Nagle, 2017, p. 29)

Esse espírito de transgressão característico da contemporaneidade anima coletivos que aprofundam a atuação da Mundo Metal, formando uma rede de apoio mútuo, como Roqueiros e Headbangers de Direita, Headbangers do Brasil – Que odeiam Socialismo, Opressores do Rock e Pinochet Zuero, entre outras páginas que têm como característica a interseção entre ataques a adversários políticos e signos característicos das cenas de rock e metal.

Em termos ideológicos e de conteúdo, essas páginas guardam grande similaridade entre si, atuando na ridicularização de atores progressistas, figuras públicas do campo da esquerda, e todos que possam ser enquadrados em sua vasta definição de “lacradores”. Como meio de ação, utilizam-se em larga escala do chamado *shit posting*, modalidade de comunicação virtual definida como: “parte da memecultura da internet, bem como de um gênero discursivo estrutural da comunicação semiótica a partir do qual o “nonsense” passa a fazer parte do símbolo e da mensagem a ser comunicada” (Urbina Blanco 2021, p. 1). Indiferentes a qualquer tipo de rigor estético e francamente agressivas, as páginas da blogosfera *headbanger* reforçam a modalidade de ataque promovida pela Mundo Metal e vão além, ampliando seu escopo de atuação para atores ligados à política institucional.

Lage e Saraiva (2021) apontam a prevalência do ressentimento nietzschiano nesta forma de fazer política advinda da perda de hegemonia de uma masculinidade branca que cada vez mais se vê apartada dos espaços de poder. Diante da dessublimação dos valores judaico-cristãos que historicamente regeram as sociedades ocidentais, não haveria mais “auto culpabilização na busca da autoridade perdida, nem repressão na autoafirmação violenta da justeza moral” (Lage e Saraiva, 2021, p. 137), resultando em uma associação entre as ideias de liberdade e repressão. Segundo os autores:

O ataque violento e debochado a esquerdistas, feministas, antirracistas e outros agentes políticos progressistas são modos niilistas de ação, de recusa à ameaça crescente de destruição de hegemonias, supremacias, soberanias. [...] Não é

por acaso que esses grupos ressentidos são tão apegados à condição de vítimas legítimas, enquanto seus “algozes” seriam, na verdade, vitimistas politicamente corretos. [...] Essa forma ressentida de política dá lugar [...] a agressões alimentadas pela ideia distorcida e narcísica de liberdade individual, pelo rancor da masculinidade branca acuada e pela regressão da solidariedade social, gerando raiva pelos inimigos e indiferença pelos diferentes. Diante da inversão de valores antes considerados relativamente bem estabelecidos, tais como justiça, igualdade, liberdade e democracia, e da reivindicação segura de uma autoridade moral ancorada na polarização e na mobilização de ressentimentos vingativos, contradições morais são ignoradas. (Lage e Saraiva 2021, p. 138)

Assim, inferimos que os coletivos *headbangers* de direita agem no sentido de subverter o *ethos* roqueiro e implodir o imaginário que historicamente relacionou o rock e o heavy metal a valores progressistas para ressignificar sua rebeldia de acordo com modos mais contemporâneos de transgressão. Para isso, a exemplo do conservadorismo tradicional, apoiam-se em uma idealização do passado e em um revisionismo histórico capaz de redimir até mesmo figuras que no passado antagonizaram seus valores e modos de vida, como líderes religiosos, agentes da lei e ditadores.

Para Arantes et al. (2021), uma “máquina de subjetivação reacionária” inundou as redes de discursos de ódio por meio de uma “estética de combate da guerrilha cultural da extrema-direita, artilharia de comunicação microbiana e viralizada que operou em 2018 com eficiência ideológica e eleitoral” (2021, 90). Os autores referem-se à multiplicidade de memes, vídeos e símbolos que circulam nos grupos de internet como “coquetéis-molotov na forma de projéteis visuais” (2021, 93), produzidos de forma descentralizada através das chamadas “bibocas digitais”, atores anônimos munidos de computadores pessoais que, por sua vez, contam com o impulsionamento de multiplicadores vivos (outros usuários da rede), ou de robôs, em “uma trama que envolve micro produtores locais e super corporações locais” (2021, 93).

Segundo Nagle (2017), grupos inicialmente reunidos para ironizar os exageros do progressismo e se contrapor ao politicamente correto tornaram-se com o passar do tempo cada vez mais alinhados à uma direita radical e conspiratória que se manifesta nas redes de modo extremamente agressivo. Diante do “dilúvio dos piores insultos raciais imagináveis, comentários cruéis sobre mulheres e minorias étnicas e fantasias de violência contra eles” (Nagle, 2017, p. 101), teriam se tornado motivo de preocupação. Ainda de acordo com a autora, a grande capacidade de mobilização destes coletivos, especialmente em embates contra opositores de grupos minoritários, como judeus, negros, mulheres e homossexuais, possibilita a realização de ataques coordenados contra qualquer ator que contrarie suas premissas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível constatar, o avanço das redes sociotécnicas nos últimos anos foi responsável por mudanças significativas nas relações sociais, produzindo ecos também nas cenas musicais, na relação entre público e artista e nas formas de se consumir artes. No caso específico das cenas de rock e heavy metal, essas mudanças se refletem em um recrudescimento do conservadorismo que coloca em xeque os ideais do que se convencionou chamar de *ethos* roqueiro, ou um espírito transgressor lido historicamente como progressista. Diante da ascensão de uma nova subjetividade, os signos que contribuíram para a constituição desse *ethos* tornam-se objeto de disputa, passando a ser acionados em favor de ideologias conservadoras por grupos que buscam ressignificá-los de acordo com modelos mais contemporâneos de transgressão. Assim, relacionamos essa disputa ao contexto das guerras culturais.

Neste sentido, procuramos cartografar as controvérsias causadas por dessintonias tanto na relação entre público e artistas, quanto entre partilhantes de um mesmo gosto musical em seus espaços de relacionamento nas redes sociais. Dentre esses espaços, destacamos coletivos como o Mundo Metal e páginas de headbangers de extrema direita como Roqueiros e Headbangers de Direita, Headbangers do Brasil – Que odeiam Socialismo, Opressores do Rock e Pinochet Zuero.

Para finalizar sublinhamos que, em sua tentativa de interdição de manifestações políticas progressistas, esses coletivos tendem a reproduzir o *modus operandi* da extrema direita nas redes, principalmente na defesa daquilo que entendem como liberdade de expressão. Assim, ainda que isso cause um curto-circuito cognitivo para a imensa maioria de fãs de perfil mais democrata: diante de um status quo progressista no mundo da música, o conservadorismo emergiria para esses atores radicais como uma espécie de atualização de um comportamento contracultural, isto é, traduziria uma postura rebelde diante dos poderes vigentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Pedro Fiori et al. Assombro, transgressão e falsificação na estética de combate bolsonaristas. *Revista ECO-Pós*. Rio de Janeiro: PPGCOM da UFRJ, v. 24, n. 2, p. 90-123, 2021.
- DE MELO, Cristina Teixeira Vieira; VAZ, Paulo. Guerras Culturais: conceito e trajetória. *Revista ECO-Pós*. Rio de Janeiro: PPGCOM da UFRJ, v. 24, n. 2, p. 6-40, 2021.
- EVANGELISTA, Simone; SÁ, Simone Pereira de. Gêneros musicais, conservadorismo e nacionalismo. *Revista*

Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo: INTERCOM, v. 44, p. 175-188, 2021.

FRITH, Simon. *Performing rites: on the value of popular music*. Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

GROSSBERG, Lawrence. *Dancing in spite of myself*. North Carolina: Duke University Press, 1997.

HUNTER, James. *Culture Wars: The Struggle To Define America*. Nova York: Basic Books, 1991.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Experiência e mediatização nas cenas musicais. *Contemporânea*. Niterói: PPGCOM da UFF, v. 10, n. 1, p. 113-128, 2012.

LAGE, L. R.; SARAIVA, L. S. Ressentimento e guerra cultural no populismo de extrema direita. *Revista ECO-Pós*. Rio de Janeiro: PPGCOM da UFRJ, v. 24, n. 2, p. 124–150, 2021 (disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27704> último acesso: 28.05.2024).

LATOUR, B.; *Reagregando o Social*. Salvador: EDUFBA, 2012.

NAGLE, Angela. *Kill all normies*. Nova York: Zero Books, 2017.

PILZ, Jonas et al. Ethos roqueiro, rasuras e conflitos políticos na turnê de Roger Waters no Brasil. *Matrizes*. São Paulo: USP, v. 14, n. 2, p. 195-215, 2020.

PILZ, Jonas; ALBERTO, Thiago Pereira. Facada Fest e um ethos impresso do rock: ressonâncias da transgressão e da resistência do gênero musical através do pôster do festival. *Anais da MusiMid*. São Paulo: UNIP, n. 1, 2021.

STRAW, Will. Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music. In: *Cultural Studies*. Nova York, vol. 5, n. 3, 1991.

SENRA, Flavio Pereira; OTTATI, Rafael Delgado Gomes. A marcha (neo) conservadora do cantor Lobão. *Ipotesi: Revista de Estudos Literários*. Juiz de Fora: UFJF, v. 19, n. 2, 2015.

URBINA BLANCO, Samuel Alejandro. Shitposting and Memeculture: An Aesthetic Politics of Techno-Coloniality? *SSRN*, 2021 (disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3839267>, último acesso: 05.04.2024).

NOTAS

- [1] Depoimento disponível em: <<https://www.theclinic.cl/2012/03/08/la-derecha-y-el-rock>>, último acesso: 20.05.2024.
- [2] Evidentemente, muitos coletivos headbanger continuam não só abraçando uma perspectiva libertária, mas também muito comprometidos com a agenda de luta política de diversas minorias (inclusive LGBTQIA+), os quais não serão analisados detalhadamente aqui. Para mais detalhes a este respeito, conferir trabalhos anteriores: AUTOR, 2021.
- [3] Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/04/22/poster-do-dead-kennedys-no-brasil-mostra-palhacos-vestidos-com-camisas-da-selecao-brasileira.ghml>>, último acesso: 02.05.2024.
- [4] Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/comportamento/fas-veem-critica-a-bolsonaro-em-cartaz-de-turne-do-dead-kennedys-no-brasil,85223cad95df95755df9c74c5a3ace85n6g0u1zi.html>>, último acesso: 05.05.2024.
- [5] Disponível em: <<https://lineup.blogfolha.uol.com.br/2019/04/22/dead-kennedys-divulga-turne-no-brasil-e-coloca-bozo-e-familia-armada-em-poster>>, último acesso: 06.05.2024.
- [6] Depoimento disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1Eq7NTWvwD0>>, último acesso: 02.01.2024.
- [7] Postagem disponível em: <https://twitter.com/lobaoeletrico/status/1043941712673091585>>, último acesso: 05.04.2024.
- [8] Depoimentos disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/06/cantor-lobao-exalta-ditadura-militar-e.html>>, último acesso: 20.03.2024
- [9] Depoimento disponível em <<https://www.uol/entretenimento/especiais/roger-moreira.htm>>, último acesso: 28.05.2024
- [10] Depoimentos, disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/05/09/cancelado-pela-esquerda-digao-se-defende-sem-moral-para-falar-de-mim.htm>>, último acesso: 13.04.2024.
- [11] Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/tico-santa-cruz-teme-que-rock-prefira-bolsonaro-a-lula-em-2022/>> último acesso: 13.04.2024
- [12] Postagem disponível em: <<https://www.facebook.com/mundo.metal.page/posts/nota-de-rep%C3%BAdio-ontem-25-de-setembro-de-2018-o-vocalista-do-ratos-de-por%C3%A3o-jo%C3%A3o-916128938571230/>> último acesso: 13.04.2024
- [13] Postagem disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=643979615786165&set=a.224280884422709>> último acesso: 28.05.2024.
- [14] Conferir postagem disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=739947156189410&set=a.224280884422709>> último acesso: 28.05.2024.
- [15] Postagem disponível em: <https://www.mundometalbr.com/devemos-separar-o-artista-de-sua-obra/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAAR2xRc4twGTq6He4CAGADODyWdmlzPO2eLy3n7G_pqRqz8zgBtRPXyckA_A_aem_Adl1qJ8HDYU5wvJBjf4paV9oL_MpRc4O5O1g62--jHT21BeLVbQ8HBiyD47vUb4kqY67DkwPBI8025Otrkw9PVUT> último acesso: 28.05.2024.
- [16] Postagem disponível em <<https://www.mundometalbr.com/halloween-posicionamento-de-kai-hansen-geradiscussao-polemica-nas-redes/>> último acesso: 28.05.2024.